

Virtuose espanhol se apresenta no Theatro Municipal

PÁGINA 2



Daniel Marc Dreifuss, um produtor no topo

PÁGINA 3



'Art College', uma obra-prima da animação chinesa

PÁGINA 5



2º CADERNO



Divulgação

Criado em 1995, o Evanescence explodiu mundialmente em 2003 com a faixa 'Bring Me To Life', que está sendo redescoberta pelas novas gerações a ponto de viralizar no YouTube

DE VOLTA ÀS ORIGENS PESADAS

Evanescence desembarca no Qualistage nesta segunda para show da turnê do elogiado álbum 'The Bitter Truth'

“Um retorno às raízes pesadas da banda”. É desta forma que os integrantes do Evanescence definem “The Bitter Truth”, álbum lançado pelo grupo americano em março de 2021 - o primeiro de músicas inéditas em uma década. Bem recebido pelo público e pela crítica, o trabalho ganhou os palcos do mundo por meio de uma turnê, que, agora, tem passagem confirmada pelo Brasil. Nesta segunda-feira (23), o Evanescence faz sua parada no palco do Qualistage a partir das 22h.

“The Bitter Truth” é um reflexo das tragédias pessoais e coletivas vividas pelo Evanescence nos últimos tempos. Basta dar um play

no álbum para entender que, mesmo sendo “um retorno às raízes pesadas”, evidenciando as amarguras da vida, a mensagem do álbum é de luz, sugerindo que seguir em frente é melhor do que resistir.

Vencedor de dois Grammy em 2004, o Evanescence prepara para o público brasileiro um setlist com músicas de diferentes mo-

mentos da carreira. Depois de muitas formações, a banda criada em 1995 tem hoje como integrantes Amy Lee (vocalis, piano, teclado, sintetizadores e harpa), Tim McCord (baixo, teclado e guitarra),

Will Hunt (bateria), Troy McLawhorn (guitarra e violão) e Emma Anzai (baixo).

Uma curiosidade recente é que, em 2022,

a faixa “Bring Me To Life”, lançada em 2003 e responsável por catapultar a carreira do Evanescence mundialmente, voltou aos topos da paradas, reforçando o quanto a relevância da banda transcende o tempo. Atualmente, o videoclipe da música contabiliza 1,1 bilhões de views no YouTube.

SERVIÇO

EVANESCENCE - THE BITTER TRUTH
Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
23/10, às 22h
Ingressos entre R\$ 180 e R\$ 460

CORREIO CULTURAL

Aline Arruda/Divulgação Netflix



Gabriel Leone lidera o elenco da série sobre o piloto

Gravações da série 'Senna', da Netflix, chegam ao Brasil

A série biográfica sobre Ayrton Senna na Netflix ganha mais dois nomes nacionais. Alice Wegmann e Christian Malheiros foram confirmados no elenco, que tem Gabriel Leone interpretando o piloto de fórmula 1.

As filmagens de "Senna" agora chegam ao Brasil depois de passarem por Argentina e Uruguai. Depois,

seguem para o Reino Unido. Gabriel Loucard, Hugo Bonemer, Julia Foti, Marco Ricca e Pâmela Tomé também fazem parte do time de atores da série, ainda sem data de estreia anunciada.

A produção contou com réplicas de carros de corrida da época, que consumiram mais de dois anos para ficarem prontas.

Fomento

Decreto assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pela ministra Margareth Menezes criou a Política Nacional Aldir Blanc (PNAB) de Fomento à Cultura. A execução do plano será descentralizada, com repasse da União aos estados e municípios.

Fomento II

A PNAB investirá R\$ 3 bilhões por ano, de 2023 a 2027, totalizando R\$ 15 bilhões. Os recursos vêm do Fundo Nacional da Cultura e são executados a partir de editais, chamadas públicas, prêmios, aquisição de bens e serviços vinculados ao setor cultural.

Relançamento

Um dos mais festejados álbuns de Zeca Pagodinho está de volta. A Universal Music lança "Água da Minha Sede" (2000) no inédito formato vinil duplo. Depois do estrondoso sucesso do CD ao vivo lançado em 1999 com produção de Rildo Hora.

Deu um tempo

Depois de seu nome ser muito comentado durante a semana, Britney Spears decidiu dar um tempo das redes sociais e desativou sua conta no Instagram. Esta não é a primeira vez que a polêmica cantora americana deixa a rede social.



O espanhol Javier Perianes atuou como solistas em diversas orquestras na Europa e EUA

Talento ibérico em recital no Municipal

O premiado pianista Javier Perianes se apresenta nesta segunda com programa que contempla De Falla, Debussy, Albéniz e Granados

burg Whitsun, La Roque d'Anthéron, Grafenegg, Prague Spring, Ravello, Stresa, San Sebastian, Santander, Granada, Vail, Blossom, Ravinia e Ilhas Canárias.

Gravando exclusivamente para o selo Harmonia Mundi, Perianes tem uma discografia diversificada que inclui interpretações de peças de Beethoven, Mendelssohn, Schubert, Grieg, Chopin, Debussy, Ravel e Bartók até Blasco de Nebra, Mompou, Falla, Granados e Turina.

O pianista é ganhador do Prêmio Nacional de Música da Espanha em 2012 e nomeado Artista do Ano nos Prêmios Internacionais de Música Clássica (ICMA) em 2019.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Javier Perianes, premiado pianista espanhol e nome de relevância na cena instrumental internacional, é a atração desta segunda-feira (23), às 20h, no Theatro Municipal. No programa, obras de Manuel de Falla, Debussy, Albéniz e Granados.

Descrito como "um pianista de gosto impecável e refinado, dono de um toque caloroso" pelo jornal britânico The Telegraph, Perianes já se apresentou em alguns dos palcos mais prestigiados do mundo, tocando com maestros como Daniel Barenboim, Charles Dutoit, Gus-

tavo Dudamel, Zubin Mehta, Lorin Maazel, Rafael Frühbeck de Burgos, Daniel Harding, Yuri Temirkanov e Kirill Petrenko, entre outros.

Apresentou com orquestras como a Wiener Philharmoniker, as orquestras sinfônicas de Chicago, Boston, São Francisco e Atlanta, Orquestra de Cleveland, Filarmônica de Nova York, Filarmônica de Londres, Filarmônica de Israel, Sinfônica de Londres e Orquestra de Paris, entre outras.

Músico de câmara natural, Perianes colabora regularmente com a violista Tabea Zimmermann e o Quiroga Quartet e se apresenta em festivais como BBC Proms, Lucerne, Argerich Festival, Salz-

SERVIÇO

JAVIER PERIANES

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)

23/10, às 19h

Ingressos no site <https://www.theatromunicipal.rj.eleventickets.com/>

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Num momento de rearranjo político do mundo, frente a uma tragédia bélica no Oriente Médio que ceifa vidas a cada segundo, uma série sobre os bastidores da indústria do terrorismo como “Fantasmas de Beirute” (“Ghosts of Beirut”), hoje na grade da Paramount +, ganha mais do que um realce pop: torna-se uma aula de geopolítica essencial para debelar as dúvidas em torno do ódio.

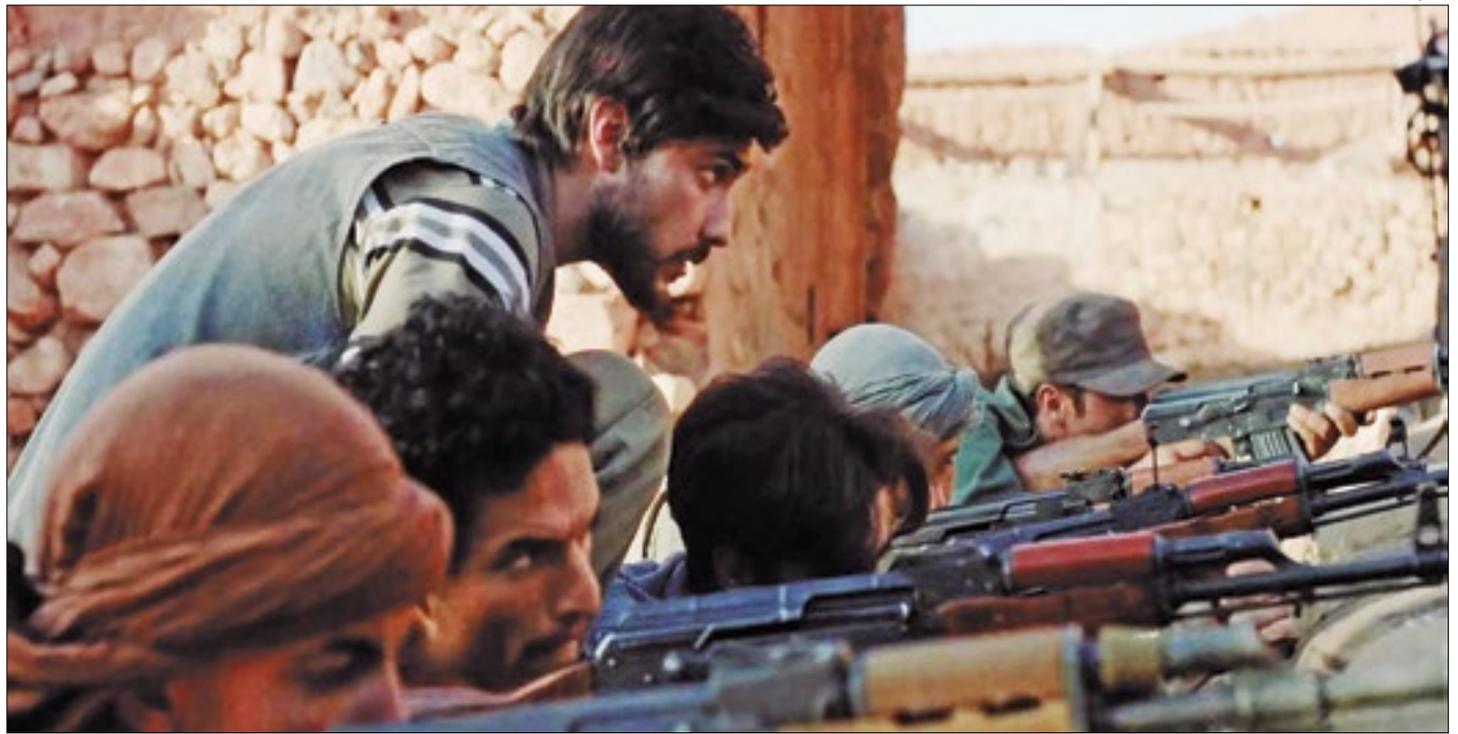
Seu foco não está no atual combate friccionado pelo Hamas, mas, sim, numa recriação do cerco a Imad Mughniyeh (1962-2008), libanês que virou signo da Jihad islâmica, à frente do Hezbollah. Sob a frenética direção de Greg Barker, sua trama mostra como Imad despistou seus adversários da CIA e do Mossad por mais de duas décadas.

Entre os componentes criativos de maior essencialidade para que o projeto ganhasse corpo – e adquirisse a relevância que vem conquistando na streaminguesfera – está um brasileiro duas vezes indicado ao Oscar, por “No” (2012) e por “Nada De Novo No Front”, que abocanhou quatro estatuetas de Hollywood em março. Daniel Marc Dreifuss é seu nome. Nome que já se estabelece como sinônimo daquele tipo mítico de produtor que tira do papel o que ninguém mais tira.

“Esse projeto do ‘Ghosts of Beirut’, que é um produto original da Showtime hoje na Paramount Plus, nasceu como documentário e virou série narrativa, carregando um contexto multicultural e multiétnico, com 90 personagens com fala, fugindo do óbvio da representação do universo militar, evitando o maniqueísmo. É um projeto que abrange os EUA, a França, o Marrocos e Israel, apostando na complexidade dos personagens”, disse Dreifuss, ao Correio da Manhã, via Zoom, em meio a um processo de análises de novos projetos.

“Já assumi muitos projetos que eram considerados ‘difíceis’, que ninguém queria assumir, cuidando para que os beats (as curvas dramáticas) estejam presentes e sejam bem executadas. Se é para ter cena falada em Árabe, elas serão faladas em Árabe”.

Dreifuss trabalhou com Greg Barker antes num projeto igualmente centrado em desarranjos da geografia política internacional, que se encontra na Netflix: “Sergio” (2020), com Wagner Moura e Ana de Armas. É a saga do diplomata Sergio Vieira de Mello (1948-2003). Em recente palestra



Produzido por Daniel Marc Dreifuss, ‘Fantasmas de Beirute’ está na grade do Paramount +

Fator brasileiro no X do sucesso

Mattia Martegani/Locarno Film Festival



Êxito da série ‘Fantasmas de Beirute’ amplia o prestígio do produtor Daniel Marc Dreifuss, que integra o time criativo do ganhador do Oscar ‘Nada de Novo No Front’

na Escola da Magistratura do Rio de Janeiro (Emerj), ele explicou seu modo de olhar. “No meu início, comecei a pensar em que tipos de histórias eu poderia contar porque me interessam, são um reflexo de como eu vejo o mundo. Eu gosto de pesquisa, história, processos políticos, momentos de transição e relações indivíduo sociedade, os dois últimos que talvez tendam a ser a linha condutora dos meus filmes”, disse Dreifuss,

cujo currículo estampa cults como “Nunca Vas A Estar Solo” (2016) e “Crossing” (2011).

Seu método atencioso de produzir, num corpo a corpo com a dramaturgia, foi aplicado em palestras e reuniões nos festivais de Locarno e de San Sebastián, onde cruzou com o Correio.

“Em Locarno, estive no Fórum de Coprodução Europeia. Ouvei o pitching de

todos os projetos e, depois, tive reunião com todos individualmente. Também fiz uma palestra com o tema: ‘De Locarno ao Oscar’. Escolhi o ‘No’, com Gael García Bernal, que lancei em Cannes, em 2012, como ponto de partida por ser um filme que foi literalmente de Locarno ao Oscar. Ele tem uma realidade muito mais próxima de quem estava na plateia, num modelo de financiamento de várias partes que se unem. É diferente do ‘Nada De Novo No Front’, um filme de estúdio com uma fonte única de financiamento. Foi bárbaro estar em Locarno. Consegui ver um ou dois filmes, tive a chance de conhecer a cidade e entender um pouco o que as pessoas estão pensando nesse modelo de coprodução. É muito legal saber a pluralidade de vozes e visões que estão surgindo e continuam trabalhando com narrativas tão diversas”, explica o produtor.

O Brasil não sai de seu escopo. “Estudo atualmente projetos de longas e projetos de minissérie. Quase todos são em Inglês, mas tenho projeto de minissérie no Brasil”, diz Dreifuss. “Eu quero fazer um thriller policial no cinema e quero fazer mais um thriller com fundo político do Brasil e Europa”.

Cinemateca Brasileira projeta 'Carandiru', fenômeno de bilheteria há duas décadas, em tributo póstumo a seu realizador, um cronista da solidão dos excluídos



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

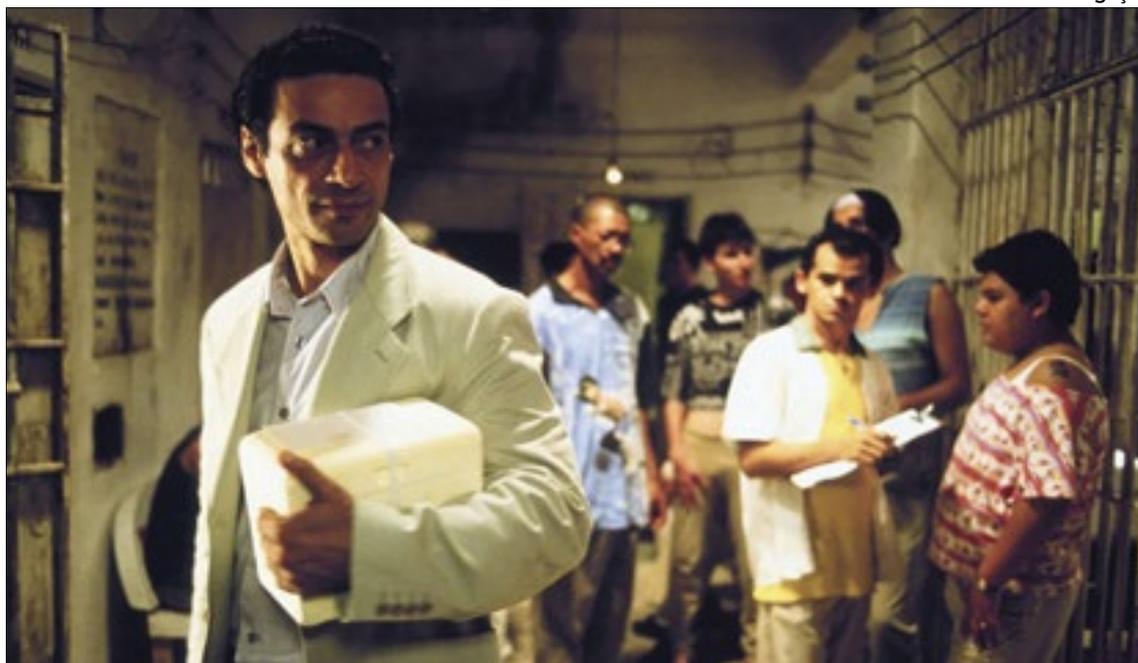
Hector Eduardo Babenco soprou sua 70ª velinha de aniversário cerca de cinco meses antes de morrer, deixando como legado uma obra encarada como a mais visceral triagem que o cinema brasileiro já fez sobre as populações marginalizadas.

Coroado com uma indicação ao Oscar de Melhor Direção por "O Beijo da Mulher Aranha", em 1986, ele desafiou os mais poderosos concorrentes hollywoodianos em circuito há duas décadas, quando levou "Carandiru" à tela, vendendo 4,7 milhões de ingressos com direito a disputar a Palma de Ouro de 2003.

Nesta segunda-feira (23), às 20h10, a Cinemateca Brasileira vai projetar esta cartografia do mundo carcerário, na grade da 47ª Mostra de São Paulo, que tem em seu júri uma companheira de vida e de filmes do cineasta: a atriz Bárbara Raquel Paz. Em 2019, ela foi premiada no Festival de Veneza por seu longa de estreia como realizadora – o belo ensaio .doc "Ba-

Réquiem para Babenco

Fotos Divulgação



Luiz Carlos Vasconcelos é o alter ego de Dráuzio Varella em 'Carandiru'



Hector Babenco no set de filmagens de 'Carandiru', longa que vendeu 4,7 milhões de ingressos

benco: Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer Parou", no qual presta uma homenagem ao finado marido e colega de trabalho.

Ao mergulhar nas entranhas da Casa de Detenção São Paulo, em diálogo com a literatura de Dráuzio Varella, Babenco condensou sua percepção sobre a solidão

dos excluídos e todas as marginalizações possíveis e prováveis, sempre abordando as estratégias de autorregeneração dos errantes. "Carandiru", ele revelou para o audiovisual dois gênios: Milhem Cortaz, no papel de Peixeira, e Ailton Graça, que vive Majestade.

Em sua trama, fotografada

com tons barrocos por Walter Carvalho, um médico (Luiz Carlos Vasconcelos) se oferece para realizar um trabalho de prevenção ao vírus HIV no maior presídio da América Latina, o Carandiru. Lá, ele convive com a realidade dos detentos, que inclui violência, superlotação das celas e instalações

precárias. Porém, apesar de todos os problemas, o profissional logo se depara com a solidariedade e a organização no local. Essas visitas médicas se tornam o contexto para histórias pessoais, em narrativas ambientadas dentro e fora da prisão, e que culminam no infame massacre do Pavilhão 9, ocorrido em outubro de 1992. Gero Camillo e Rodrigo Santoro encantaram o país, nesse contingente prisional, vivendo o casal Sem Chance e Lady Di. Os baianos Lázaro Ramos e Wagner Moura também integram o time de presidiários retratados pelo roteiro de Fernando Bonassi e Victor Navas, que tem ainda Ricardo Blat, Floriano Peixoto, Maria Luiza Mendonça, Antonio Grassi e Milton Gonçalves. Essa trupe tem um desempenho encantador sob a batuta de Babenco, que trazia em seu currículo o blockbuster "Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia" (1977), visto por cerca de 5 milhões de espectadores, tendo Reginaldo Farias no papel central.

Mestiço de duas nações, sendo argentino com berço em Mar del Plata e brasileiro naturalizado paulistano nos anos 1970, Babenco foi de um tudo nesta vida, indo de figurante em westerns spaghetti a diretor cortejado pelo Oscar. Marcou gols em muitas áreas do verbo viver em sua obra, driblando adversários dos mais belicosos, da censura fardada dos anos 1970 ao linfoma com quem guerreou armado de oncologia e muita coragem.

Foi e é realizador dos grandes, pedaço indelével da História da América Latina em sua marcha para o Oeste e para o Leste do imaginário cinéfilo. Parte de suas peripécias pessoais serve de alimento a "O Amigo Hindu", que abriu a Mostra de São Paulo em 2015. É um drama autobiográfico que tem Willem Dafoe como seu protagonista e um Selton Mello em estado de Graça como um ser muito indesejado por todas as gentes, sobre o qual não se pode revelar nada. Dafoe revive - em releitura de licenças poéticas - os anos em que Babenco viveu uma guerra hospitalar. A Mostra de São Paulo segue até 1º de novembro.

Um conto chinês animado

Enquanto o cinema de animação europeu se destaca em festivais e premiações, a ala chinesa reage com o esplendor de 'Faculdade de Artes 1994'



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Debruçada sob o planisfério cinéfilo atrás de joias autorais, a Mostra de São Paulo dedica a tarde de sua segunda-feira a uma viagem à China, em busca de um dos mais transgressores exercícios de animação em

2023: "Faculdade de Artes 1994" ("Art College 1994"). Quem ateu sua excelência, no início deste ano, foi a Berlinale, uma das três mais concorridas maratonas cinematográficas do Velho Mundo (ao lado de Cannes e Veneza), na qual a produção, pilotada por Liu Jian, concorreu ao Urso de Ouro. É um painel de época com base na memória do diretor sobre sua passagem pelo curso de Belas Artes e sua relação com amigos que viviam uma mudança estrutural na cena cultural de um país que passou boa parte do século XX sob a égide maoísta. Tem projeção do longa esta tarde, às 13h30, no Espaço Itaú



'Art College 1994', animação de Liu Jian cuja excelência foi atestada na Berlinale

Augusta, em sua sala 2.

"É um pedaço da minha história num centro de artes que formou grandes criadores do cinema e das artes plásticas, estruturada como um balanço geracional. Levamos cinco anos pra fazer esse filme, com desenhos à mão, usando o computador apenas para finalizar algumas cenas", explicou Jian ao Correio da Manhã em Berlim.

Sua referência a "gigantes" das artes envolve, por exemplo, o ganha-

dor do Leão de Ouro de 2006 com "Em Busca Da Vida", o diretor Jia Zhangke, premiado em Cannes, em 2013, por "Um Toque De Pecado". "Ele é um realizador que eu admiro. participou do elenco de vozes não só por eu admirá-lo, mas por ele ter estudado nesse ambiente que nós tratamos", disse Jian, que concorreu no festival alemão em 2017, com "Have a Nice Day", uma comédia policial. "Queria mostrar a energia da juventude daquela época".

Descrito por seu produtor, Yang Cheng, como sendo um "filme de baixo orçamento, de alta qualidade plástica", "Art College 1994" retrata de maneira bem-humorada a rotina de um grupo de estudantes de pintura com hormônios à flor da pele, descobrindo o sexo e Van Gogh.

"Não se pode falar sobre o processo de criação sem liberdade", disse Jian, que transforma o longa num inventário sobre amizades.

DICAS PARA SEGUNDA-FEIRA

FRANGO PARA LINDA!, de Chiara Malta e Sébastien Laudenbach: É imperdível a chance de conferir, na telona de SP, o ganhador, de Annecy, o maior festival de animação do mundo. Em sua trama, Linda é injustamente punida pela mãe, Paulette, que fará tudo o que estiver ao seu alcance para recompensar a garota. Até um frango com pimenta, apesar de não saber cozinhar. Paulette e a filha então partem em uma jornada por toda a vizinhança para encontrar o ingrediente; mas onde comprar frango durante uma greve geral? Circuito: Espaço Itaú Augusta 1, 13h30

RAZÕES AFRICANAS, de Jefferson Mello: Um retrato intimista e musicalmente profundo que traça o resgate da identidade de três gêneros musicais que são legados do continente africano: o blues, do Mississipi, a rumba, de Havana, e o jongo, do Rio de Janeiro. A partir da diáspora africana, o documentário investiga o berço comum e as particularidades geográficas e instrumentais desses três ritmos musicais consolidados mundialmente. O diretor percorreu seis países —Angola, Congo, Mali, Brasil, EUA e Cuba— para desbravar a ancestralidade no blues, na rumba e no jongo pelo olhar e pela história de três personagens principais. Circuito: Espaço Itaú Frei Caneca 5, 15h10.



Divulgação



Divulgação

VALE ABRAÃO, de Manoel de Oliveira: Há 30 anos, o maior cineasta da História de Portugal foi laureado pela Crítica na 17ª Mostra por este monumental estudo sobre a resistência do amor ao fluxo do tempo. A projeção de hoje, comemorativa, celebra ainda a recente restauração do filme. Em sua trama, Ema (vivida por Leonor Silveira num esplendor de atuação) é uma jovem romântica, uma mulher de beleza ameaçadora, que está presa a um casamento sem amor com Carlos, amigo de seu pai. O gosto pelo luxo, as ilusões da vida, o espírito provocador e o desejo que inspira nos homens a fizeram ganhar o apelido de "a pequena Bovary". Em constante busca pela paixão, ela arranja três amantes; mas os seus amores sucessivos não trazem mais do que um sentimento de grande desilusão. Circuito: Espaço Itaú Frei Caneca, 14h



Divulgação

CANTO DA CRÔNICA

LUÍS PIMENTEL
JORNALISTA E ESCRITOR
luispime@gmail.com

Na vida absurda como no teatro (Diálogos absurdos)

Para Eugène Ionesco, Fernando Arrabal e Samuel Beckett, gênios do gênero.

Falando sério

– A terra é tão antiga, mas tão antiga, que somos todos novatos aqui. Recém-chegados ao mundo. Por isso não entendo essas pessoas que se julgam donas do pedaço, porque são mais ricas, teoricamente mais bem informadas, achando que têm o direito sagrado de sentar na janelinha. Estamos todos engatinhando. Nascemos ontem. Concorda?

- Mais ou menos.
- Como assim?
- Raul Seixas e Paulo Coelho nasceram há 10 mil anos atrás.
- Isso é arte, é literatura, é criação musical, licença poética. Estou falando sério.
- E alguém pode falar sério depois do décimo chope?

As últimas palavras

– Menos uma! – repete o personagem, dia após dia, após fazer a barba.

Até o momento em que é surpreendido por um infante fulminante, em plena cena, ainda com a espuma entre os dedos.

A plateia espera um desabafo shakespereano, uma fala épica de tragédia grega, um monólogo a lá Eugène O'Neill. Mas as últimas palavras do personagem são:

- Que pena. Essa ficou incompleta...

Absurdo são os outros

- Beckett era maluco.
- Por que você diz isto?
- Só um maluco colocaria dois malucos no meio de uma estrada, esperando um tal de Godot que não chega nunca.
- O teatro transcende, ignorante! Veja o Édipo...
- Um parricida com deformações sexuais. Sófocles era incestuoso.
- Não misture criador e criaturas. Se fosse assim, Nelson Rodrigues teria sido o maior tarado.
- E foi! “Vestido de Noiva” era um sonho pessoal não realizado.
- E “O Beijo no Asfalto”? Premonição para o casamento gay, meio século antes?
- Você não entende de teatro. É um personagem à procura de um autor.
- Nem vem de Pirandello. Esse apenas brincava com o público. Essa noite se improvisa não é reality show, é autobiografia. Dele e do público.
- Chega. Vou dormir.
- Dormir ou não dormir, eis a questão.
- Poupe Shakespeare. O bardo não tem culpa de nada.
- Então vá.
- E você?
- Também vou.
- Não saem do lugar.

Um acerto de contas em tom altamente realista

Renato Mangolin/Divulgação

‘Era Medeia’ volta ser montada em palcos cariocas

Você sempre age de acordo com seus princípios éticos? Ou será que muitas vezes suas ações e comportamentos contradizem o seu discurso? A partir dessa reflexão se desenrola a trama do elogiado espetáculo *Era Medeia*, que volta ao cartaz, nesta terça-feira (24) no Centro Cultural Justiça Federal, na Cinelândia.

Com supervisão de Cesar Augusto, texto e direção de Eduardo Hoffmann e argumento de Marina Monteiro, a peça se passa durante os ensaios de uma adaptação da tragédia “Medeia”, de Eurípedes, pano de fundo para uma discussão que também passa pelo machismo, o abuso de poder, exposição da vida privada e a importância do processo na criação artística.

Em cena, estão os atores Eduardo Hoffmann e Isabelle Nassar (que recentemente participou da novela “Travessia” e da série “Bom Dia, Verônica”). No espetáculo, eles vivem Pedro Lobo, um diretor excêntrico, e Verônica Albuquerque, uma atriz insegura. O público é convidado a assistir a um ensaio aberto do espetáculo no qual estão trabalhando juntos. Aos poucos, o passado deles vem à tona, e os espectadores passam a ser testemunhas de um acerto de contas íntimo entre os personagens. A atmosfera é tão realista que, em uma das apresentações, o sogro da atriz quis tirar satisfações com o ator durante uma discussão entre os personagens. O episódio foi lembrado no programa “Que história é essa, Porchat?”.

“A escolha de Medeia como o texto que os personagens ensaiam tem um propósito: é um ícone da representação de uma mulher que rompe com os padrões sociais es-



Isabelle Nassar e Eduardo Hoffmann contracenam no espetáculo ‘Era Medeia’

tabelecidos. Apesar de tomar atitudes cruéis, ela é uma personagem que não fica à mercê das decisões e escolhas dos homens à sua volta”, explica o ator e diretor Eduardo Hoffmann. “E aí é que está a contradição. O diretor está montando Medeia justamente para enaltecer a força dessa mulher que rompe com os padrões repressivos e, no entanto, o modo como ele lida com a atriz (que já foi mulher dele) é extremamente repressor e abusivo”, acrescenta.

A partir da exposição da vida íntima do ex-casal, “Era Medeia” também faz uma reflexão sobre os motivos de o público de hoje parecer se interessar mais pelos bastidores da criação do que pela própria criação. “O fato de estarmos vivendo uma realidade social

e política extremamente espetacularizada contribui para que o caráter ficcional da arte esteja cada vez mais com sua potência diminuída. E já faz bastante tempo que os reality shows tornaram as pessoas personagens mais interessantes aos olhos do público do que os personagens criados nas obras de ficção. É uma extrema necessidade de ser arrebatado pelo real, até porque o cotidiano atual está extremamente teatralizado”, analisa Hoffmann.

SERVIÇO

ERA MEDEIA
Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Cinelândia)
De 24/10 a 29/11, às terças e quartas (19h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Aquilo que faltou dizer

Perda precoce de irmão inspira cartas que servem de base para a dramaturgia de espetáculo que estreia em curta temporada no Espaço Sérgio Porto

No silêncio que ressoa em muitas famílias negras, surge “Querido Irmão: Faltou Ar pra Dizer”, espetáculo teatral inédito idealizado pela Confraria do Impossível. Protagonizado e criado por Well Pádua, ator negro e periférico que perdeu o pai precocemente, utilizando-se dessa dolorosa vivência para motivar reflexões sobre paternidade negra.

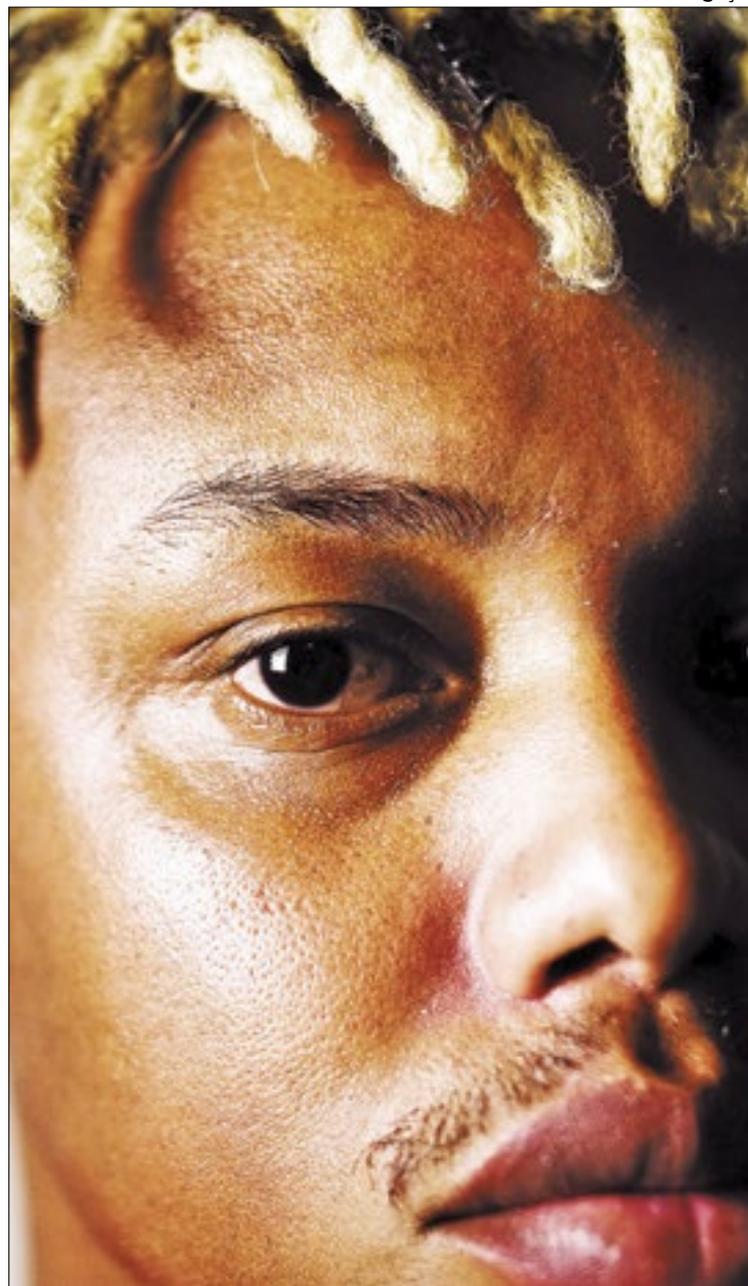
Com direção de Jeff Fagundes, representante brasileiro do International Theatre Institute e sob supervisão artística do diretor André Lemos, primeiro artista negro a receber o prêmio Shell de Teatro de Direção, o espetáculo estreia nesta quinta (26), com apresentações de quinta a sábado às 19h e aos domingos às 18h, até o dia 29, no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto. Os ingressos estão disponíveis pelo valor de R\$ 20 e R\$ 10 a meia, que inclui pessoas pretas e trans.

Em “Querido Irmão: Faltou ar pra dizer”, Well lê cartas para o irmão paterno que nunca teve a oportunidade de conhecer, revivendo memórias de seu pai quando ainda era vivo. A

narrativa evoca sentimentos de ancestralidade e continuidade, explorando a paternidade a partir de uma dupla perspectiva: a experiência do intérprete como pai e a relação com o próprio pai, junto ao impacto da dolorosa realidade do genocídio da população negra.

Ao trazer relatos ao palco, o ator-criador oferece não apenas uma visão do seu íntimo, mas um espelho para tantos que enfrentam dramas similares. “Tornei-me pai e também enfrentei a perda do meu próprio pai. A ideia principal é trazer à tona algumas das minhas histórias e feridas, com a esperança de fazer as pessoas refletirem, especialmente os homens pretos, sobre paternidade”, afirma.

Well possui uma doença degenerativa no tecido do pulmão, que o colocou em um estado crítico por meses. Durante esse período, ele estava distante do pai. Com base nesse contexto, a peça explora a ideia da falta de ar como uma metáfora, representando a dificuldade do pai de Well para dizer ao filho que o amava, além da falta de ar de Well durante o tempo em que estava hospitalizado, impossi-



Well Pádua concebeu o espetáculo, que tem a direção de Jeff Fagundes

bilitado de expressar seus sentimentos ao próprio filho. Sendo assim, o diretor do espetáculo Jeff Fagundes reflete sobre a dificuldade que muitos homens negros enfrentam ao se comunicar e expressar emoções. “É uma barreira emocional e cultural. Muitos não dizem o que sentem não por falta de capacidade, mas por falta de espaço e compreensão para ouvir e processar as próprias emoções”, pondera.

O espetáculo aborda os diversos medos que um homem negro carrega consigo, que passam desde o desemprego, a falta de dinheiro e de direitos básicos, o medo de não ser suficiente e a ausência pela morte. Incorporando a peça documentos reais,

imagens e entrevistas com outras figuras negras de diferentes regiões do Rio de Janeiro, amplifica-se a temática central e as vivências de Well, dando voz a diversas experiências paternas, como explica Jeff. “Mapeamos paternidades negras e compilamos em um documentário de vídeo que compõe a peça, trazendo para o palco multilinguagens”, ressalta, promovendo investigações de linguagens através do diálogo entre o cinema, música, teatro e a tecnologia.

O espetáculo pretende atingir diretamente a população jovem e adulta, contextualizando esse público sobre a falta de paternidades saudáveis e a ausência de inteligência emocional, que

acomete o genocídio de afeto da população negra, como defende Well. “Acredito que essa carência de afeto paterno na comunidade negra está profundamente ligada ao racismo estrutural. Acho importante refletirmos sobre o passado para compreendermos a forma rígida com a qual os pais negros de gerações anteriores foram tratados”, refletindo também sobre a necessidade de romper com antigas concepções e avançar em direção a uma sociedade mais acolhedora e empática.

Além de explorar temas de paternidade, o espetáculo destaca a importância de incentivar a contação da própria história nas periferias, promovendo novas e inéditas narrativas a partir da perspectiva de autores negros. “As periferias do Rio de Janeiro possuem uma identidade forte, frequentemente ignorada devido às adversas condições de vida e ao modo de sobrevivência latente em que muitas dessas pessoas são colocadas. Incentivar essas comunidades a compartilhar suas histórias rompe com essa invisibilidade. Transformar emoções pessoais em narrativas é uma forma de autocura. Não apenas uma cura pessoal, mas também uma cura comunitária porque as pessoas se veem refletidas na cena. E não é só sobre se reconhecer em uma cor de pele, mas também em vivências e emoções que, muitas vezes, são reprimidas. Isso nos ajuda a entender que é possível falar e ser ouvido”, destaca o diretor, fortalecendo novas referências sob paradigma de quebra de estereótipos, principalmente os que envolvem a população negra.

SERVIÇO

QUERIDO IRMÃO: FALTOU AR PRA DIZER
Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163)

De 26 a 29/10, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia, incluindo pessoas pretas e trans)

CRÍTICA / RESTAURANTE / SUSHI PEIXOTO

Muito além do japa

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Fomos, em um encontro de família – um trio de Cs, e, Chico (filho) e Carol (nora) provar os novos pratos do Peixoto Sushi, posto que lá é a certeza absoluta de frutos do mar fresquíssimos. Recebidos pela Vivien que nos conduziu para conhecer as novidades criadas pelo chef Alex Emilio, os contemporâneos que levam o Peixoto a outro patamar. Pratos com total licença poética ao fusion, que combina elementos de diferentes

tradições culinárias originárias de diferentes culturas.

Vieram as perfeitas gyozas (o pastel asiático, cozido e pontas crocantes) recheadas de shitake e nirá. Mergulhamos no molho ácido que não encharca e só acrescenta sabor. Nesse instante, chegaram as ostras, fresquíssimas e aplaudimos de pé, porque somos a família frutos do mar. No limão leve, finalizadas com ovas de massago – que em japonês é areia pequena - e sal grosso ao final que nos levou aos oceanos.

Em time que está ganhando não mexe e veio o Maki com três



Divulgação

Maki com camarões frescos e verdadeiramente grandes

camarões verdadeiramente grandes, pescados na noite anterior. Dois deles empanados, juntos com cream cheese, são envoltos com arroz e uma lâmina fina de salmão e finalizados com o croc do terceiro VG. Para os principais escolhemos camarão VG grelhado, com batata roxa, nirá e shitake; o polvo à provençal tentáculos de polvo grelhados na chapa, com arroz negro. Os

camarões enormes cuja carne tenra é casamento para vida com a batata roxa. E as pernas do polvo grelhadas na exatidão. O ponto altíssimo foi o difícil arroz negro. Um risoto, com os grãos na macio e deliciosamente úmidos. O melhor que já provamos.

Terminamos com Esfera de chocolate, recheada de sorvete e frutas, com a calda de chocolate. E

saímos dali com a certeza que, se é que é possível e foi, o Peixoto Sushi está ainda melhor.

SERVIÇO

SUSHI PEIXOTO

Rua Conde de Bernadotte, 26 - Loja L - Leblon

Terças e quartas (12h às 23h), quintas, sextas e sábados (12h a 0h) e domingos (12h às 22h)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

O copo certo para ela

A cachaça hoje é muitos mais do que a base da caipirinha. A nossos destilados de altíssima qualidade faltava um copo perfeito que potencialize sua degustação. Nesta quarta-feira (25), a Academia da Cachaça lança copo para a ocasião. Desenvolvido pela portuguesa Vista Alegre em parceria com a Academia da Cachaça, o copo de cristal reúne as características recomendadas por especialistas para destacar a grandeza da bebida. Feito artesanalmente, no sopro, traz ainda um toque especial: uma pincelada de ouro de 24 quilates.

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Divulgação



O favorito

O D'Amici Ristorante tem 23 anos de tradição da melhor da gastronomia costeira italiana. E como Nápoles é mais do que a terra da pizza, de lá vem o Linguine Alle Vongole, nosso favorito. As tiras de massa finas e achatadas são feitas na casa, e ficam imersas no molho com os vôngoles, primos das ostras e vieiras, fornecidos pela Fazenda Marinha e cozidos no vinho branco. O chef Glauber Santos comanda a cozinha com uma variedade incrível de massas com frutos do mar. O D'Amici está no Leme e também na Barra da Tijuca. (21) 99001-7774.

Tomás Rangel/Divulgação



Melhor rua de Copa

Desde que Os Imortais se instalaram, há 11 anos, na Ronald de Carvalho, a rua virou um centro de animação, com boa comida e preços razoáveis. E como festa tem que ser com os amigos, no dia 28, no Lido, o bar convidou Amir, Baixela, Otra, Farrapos e Cachorro Quente da Tia para um evento em que montarão barraquinhas com os petiscos mais conhecidos de cada casa. A partir das 15h, a cantora Marcelle Britto promove a roda de samba tendo Mosquito, Moyseis Marques e Gabriel da Muda como convidados especiais. Um luxo!